

REFLEXÕES ACERCA DE CORPOS EM SALA DE AULA: ALGUMAS PERSPECTIVAS...

MARTA LIZANE BOTTINI DOS SANTOS¹; URSULA ROSA DA SILVA²;

¹ Centro de Artes Universidade Federal de Pelotas – UFPEL 1 – marta.lizane@gmail.com 1

² Centro de Artes Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – ursularsilva@gmail.com 2

1. INTRODUÇÃO

Este texto trata de se ocupar sobre uma pesquisa que alinha-se com questões pertinentes a práticas metodológicas docentes, a partir de um viés cartográfico de pesquisa, e tal estudo se faz no Programa de Pós-graduação de Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; e nos últimos meses teve apoio da CAPES. Na literatura pós-estruturalista busquei suporte para responder algumas questões acerca do tema.

O tema é extenso e palco para observações e discussões em muitas áreas do conhecimento: Filosofia, Artes, Ciências Biológicas, Educação, entre outras, e, possibilita criar linhas que escapam ao diálogo à medida que vamos adentrando ao tema e sendo atravessados por questões inquietantes que pedem a palavra ao tratar deste assunto, e para além das univocidades de que tratam tais ciências.

O que se pretende ao tratar do corpo nesta pesquisa é antes de tudo, pensá-lo em sala de aula.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa utiliza o método cartográfico de pesquisa proposto por Deleuze e Guattari (1996) o qual nos interessa mais os processos, e não o que resulta das investigações, ou seja, as oscilações na construção das atividades, as discussões, o que se propôs a fazer, e como foi feito. “Cartografar é acompanhar um processo, e não representar um objeto” (KASTRUP, 2008). “A proposta cartográfica de investigação não prestigia os fins em si, mas os meios, os fazeres e não a conclusão” (CAMPOLLO, 2016), portanto, faço cartografia quando me proponho a ler, escrever; reescrever e sempre inquietar-me com o que esta sendo produzindo, pois, a cartografia se faz deste modo, é o registro do pensamento que faz com que coincida o tema, ou o objeto do pensamento com o próprio modo de pensar ou com o que esta sendo e como esta sendo pensado. Cartografar é sempre pensar maneiras novas, ou não, de questionar o que nos afeta.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O corpo aqui entendido como elemento de fruição, possibilitando pensá-lo sobre inúmeras abordagens, mas talvez, o modo mais inquietante tenha sido trazer minhas memórias, lembranças desta pesquisadora e de seus “pies cerrados”, por exemplo, ou seja, minhas botas de ferro que precisei durante um tempo usar, meu ‘salso chorão’ que era uma nave na qual me aventurava pelos ares e o vento beijava meus cabelos cor de trigo... Para estas memórias, estas lembranças, criei nesta escrita *pergolados cartográficos* que são dispositivos para

acessar meu pretérito que hoje rememoro e que me afeta, pois a cartografia não é feita disso?

Quando através da escrita dou re-significações às minhas memórias e busco algo de lá, de meu pretérito, que me atravessa no agora, é como passar por um perolado, expresso em palavras... Aqui faço cartografia, um e vir e a cada novo momento sou outra.

O que pretendo ao tratar do corpo nesta pesquisa é pensá-lo em sala de aula, e para isso criei um conjunto de questões que talvez com o tempo tenham esmorecido e perdido seu vigor, tenham murchado como a roseira, ou os copos de leite após seu corte, questões, por exemplo, que fiz que perguntam: como é esse corpo? Como é problematizado? Será que é problematizado? Como os professores tratam tal assunto, e se tratam como criam possibilidades de pensar sobre práticas cotidianas de ensinar e aprender sobre o corpo?

Estas perguntas me cercaram ao longo de um tempo e hoje eu me pergunto é isso mesmo que quero saber? Talvez sim, talvez não mais, o que importa? Importa foi o trajeto até ter chegado aqui. O que construí ao longo deste percurso. As flores que plantei, que colhi.

Esta pesquisa se desenvolve em uma escrita que apresenta este texto sob a metáfora de um jardim, pois não vejo diferenças entre um e outro, ambos necessitam de seus tempos próprios e não se deve apresá-lo. E, creio que minha pesquisa se fez no tempo que precisava ser feita.

Não sei ao certo se consegui responder alguma questão acerca do que procurava responder, mas sei que ao tempo que estava em sala de aula, desenvolvendo as atividades que me propunha desenvolver para tentar responder minhas inquietações, respondi aos meus desejos, e fui lá, a professora que queria ser, a professora que sim pensava sobre aqueles corpos que lá estavam, a professora que sim problematizava e que tratava de pensar sobre como aqueles alunos se constituíam como e com seus corpos. Minhas oficinas, atividades, práticas ocorreram sempre com uma turma de quinto ano em uma escola estadual no bairro Fragata. Lá desenvolvi boa parte de minhas propostas as quais observava um conjunto de alunos e seu professor, e como o corpo era percebido.

Lá descobri que docência é dedicação, esforço e cuidado, ou seja, as práticas docentes perpassam por um cuidado, de si e do outro, é um exercício cotidiano. É um reinventar-se. Um criar-se sempre. Um criar meios, modos, maneiras para isso, e cada professor a seu modo acha o seu produzindo de tal

forma algo novo a partir de forças que são empregadas de forma criativa. É como em sala de aula, um conjunto de ações e modos de operar uma prática. É preciso cuidado, dedicação, intensidades, velocidades...

Conceitos como encontro foram trazidos nesta pesquisa, e encontro como pensa Deleuze (1996) determina forças criativas, e, é esse tipo de encontro que se quer aqui pensar, encontros que autorizam agenciamentos o que para este autor se dá por rizoma, que não da mais é do que pontos se ligando a outros pontos que se conectam e formam novos outros encontros, agenciamentos, rizomas. O método de pesquisa é o cartográfico, proposto por Deleuze e Guattari e sobre este conceito a própria escrita já se diz.

4. CONCLUSÕES

Ao materializar o pensamento em palavra e criar os primeiros jardins-textos, mesmo sem saber que eram jardins, foram feitas algumas leituras que me levaram a um forte discurso acerca do corpo predominantemente relacionado ao culto de padrões preestabelecidos pela sociedade, que nos últimos tempos valoriza-o em demasia.

O corpo é moeda usual. É instrumento onde mudanças e conquistas ocorrem, com forte influência nas áreas médica e estética, arquétipo neste novo século, com mais abrangência na tecnociência e inúmeros avanços que surgiram nas práticas de medicina em virtude de uma grande expansão das tecnologias.

A beleza eterna que se busca. Envelhecer não é mais permitido, “a morte e a velhice que surgem para atemorizar este humano que hoje é biotecnológico prende-se ao ‘culto ao corpo’” (SIBILIA 2012, p. 151). O corpo se torna um instrumento para fixar sujeitos no seio social do qual se quer fazer parte. O corpo ampliado pela biotecnologia vai deixando de lado um corpo obsoleto que se transforma com o passar dos anos.

O corpo está no seio central de inúmeras discussões desde de sempre, mas não se percebe verdade ao entrar no seio da escola, e é aqui que cavo mais fundo e reviro a terra com mais vigor. Penso que precisamos sim ser cautelosos, mas não omissos. Precisamos pensar que esse corpo que está preso a cadeiras e modos e práticas de lecionar de determinados professores, precisa ser explorado. Os professores estão exaustos e fatigados de numerosos anos de abandono, de descaso e más condições de trabalho, de políticas públicas que não pensam a docência, ou por negligência, ou por omissão, empurrando esse

professor escada abaixo e são poucos os que se reinventam e buscam se recriar pensando sua docência não como fardo, mas sim como prazer.

Saliento que a intenção desta pesquisa não é propor uma fórmula adequada de como devemos tratar o ‘corpo’ em sala de aula, pois, cada perspectiva é distinta umas das outras, mas sim, isso sim, esta pesquisa busca, que é problematizar, oferecer questões, dúvidas, fazer com que os professores movam o pensamento e alterem as fronteiras do ‘fazer docente’; pensem sobre como lidam em seu dia a dia com esses corpos que estão enraizados. Mesmo sabendo de todo o descaso que há com esta categoria, já não é muito o ‘controlo’ capitalista vigente impondo suas normas e padrões? Não tenho respostas para dar sobre como se pode mudar, nem tão pouco, ideias de dizer como fazer. Penso que estar aqui tratando sobre o tema, já é algo que nos move a pensar sobre...

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOLLO, R. L. G. **Cartas para ler e escrever. Cartografando uma prática de ensino.** 2016. 78f. Dissertação (mestrado) - Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2016.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

KASTRUP, V. **O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção** In: CASTRO, L. R. de; BESSET, V. L. (Orgs.). Pesquisa-intervenção na infância e juventude. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p.465-489. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v10n1/v10n1a07.pdf>> acessado em 30/08/2015.

SIBILIA, Paula. **Imagens de corpos velhos. A moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais.** In O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas/ Edvaldo Souza Couto, Silvana Vilodre Goellner, (Orgs.). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Vários Autores.